

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS

ISAQUIEL JOSIAS MONTEIRO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UM ESTUDO
NA ESCOLA ESTADUAL JORGE LEOPOLDO**

PICOS
2014

ISAQUIEL JOSIAS MONTEIRO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UM ESTUDO
NA ESCOLA ESTADUAL JORGE LEOPOLDO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Piauí, *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras/Português.

Orientador: Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento

PICOS

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

M775v Monteiro, Isaquiel Josias.

Varição linguística e ensino de língua materna: um estudo na escola estadual Jorge Leopoldo / Isaquiel Josias Monteiro. – 2014.

CD-ROM : il; 4 ¼ pol. (53 p.)

Monografia(Licenciatura em Letras-Português) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento

1. Sociolinguística. 2. Variação Linguística. 3. Escola. I. Título.

CDD 469.798

ISAQUIEL JOSIAS MONTEIRO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UM ESTUDO NA
ESCOLA ESTADUAL JORGE LEOPOLDO**

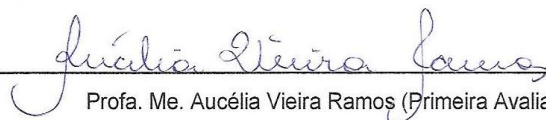
Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal do
Piauí, *Campus* Senador Helvídio Nunes
de Barros, como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciada em
Letras/Português.

Aprovado em 14 de agosto de 2014.



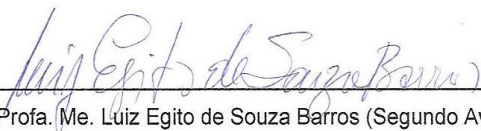
Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento (Presidente)

Universidade Federal do Piauí – UFPI



Profa. Me. Aucélia Vieira Ramos (Primeira Avaliadora)

Universidade Federal do Piauí – UFPI



Profa. Me. Luiz Egito de Souza Barros (Segundo Avaliador)

Universidade Federal do Piauí – UFPI

Dedico, em especial, à minha esposa, Aurilene; e a meus filhos, Giovana e Igor Henrique.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por dar-me forças para concluir mais essa etapa; a meus pais, Josias e Alaíde, meus primeiros mestres, por me apoiarem sempre nos estudos; à minha esposa, Aurilene, e aos meus filhos, Giovana e Igor Henrique, pelo apoio e compreensão; ao meu orientador, Prof. Me. Juscelino, pelo carinho e atenção prestados durante este estudo.

Agradecer a todos que contribuíram para a efetivação deste trabalho monográfico, sobretudo à própria casa, isto é, a Universidade Federal do Piauí, *Campus* Universitário Helvídio Nunes de Barros, pela estrutura a nós dispensada; aos servidores, pela atenção; a todos que fazem a Biblioteca, desde a bibliotecária ao pessoal do bem-estar, pelo zelo em atender seus usuários; aos professores, mediadores e operosos do conhecimento, pelo empenho na edificação intelectual de cada um de nós que está concluindo o curso.

A todos, minha sincera gratidão. Vocês foram a pedra angular na edificação deste Trabalho de Conclusão de Curso. Sem vocês, seria impossível conseguir galgar até este degrau. Sou imensamente grato pelo apoio e incentivo. Muitíssimo obrigado a todos!!!

RESUMO

O trabalho aqui proposto tem como objetivo conhecer a importância dada à variação linguística no ensino da Língua Materna na Unidade Escolar Jorge Leopoldo. Para fundamentar este estudo, baseamo-nos, entre outros, em Bortoloni-Ricardo (2005), Calvet (2002), Cardoso et al (2013), Castilho (2011), Mollica (2004), Monteiro (2000), Perini (1991), Preti (2004), Tarallo (2003) e Travaglia (2009). A pesquisa realizada foi qualitativa e de campo, realizada na escola mencionada. Para a coleta de dados, foram feitas observações em sala de aula, gravações em áudio e vídeo e aplicação de questionários e entrevistas ao professor de Língua Portuguesa e aos alunos da turma. Os resultados da pesquisa mostram que a padronização linguística é uma imposição institucional em sociedades e o sistema escolar tem um papel relevante a desempenhar para a promoção das camadas menos privilegiadas, que é o de propiciar-lhes acesso a todos os conhecimentos, dentre eles a variedade padrão da língua, sem, no entanto, desprestigiar as variedades que os alunos já têm, oriundas de seu contexto social.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação Linguística; Escola; Ensino.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 AFINAL, O QUE É VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	11
2.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA.....	19
3 METODOLOGIA	29
3.1 SITUANDO E CARACTERIZANDO O LOCAL DA PESQUISA.....	29
3.2 OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA	31
3.3 TIPO DE PESQUISA E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	32
4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	40
4.1 ANALISANDO E INTERPRETANDO OS DADOS DA ENTREVISTA	42
4.2 ANALISANDO E INTERPRETANDO OS DADOS DO QUESTIONÁRIO APLICADO AO PROFESSOR.....	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

A variação linguística é inerente as línguas naturais e reflete o contexto sociocultural e intelectual daqueles que a utilizam, posto ser ela reflexo dessas dimensões da realidade funcionando como identidade cultural de um povo.

As variações acontecem porque quem na verdade determina o sentido das construções e/ou sequências linguísticas da língua não é o falante, mas sua cultura, sua história, ou seja, é a maneira como a sociedade onde ele vive construiu, ao longo dos tempos, certos conceitos, cristalizou certas ideologias que governam o sentido de algumas construções linguísticas e determinam, em muitos casos, a sua constituição.

Dessa maneira, funciona como um reflexo daquilo que a sociedade considera ou legitima como certo ou errado, normal ou reprovável. Assim, é que certas construções linguísticas são evitadas e outras são massivamente utilizadas, conforme seja socialmente desprestigiada ou exaltada.

A escolha por esse tema justifica-se uma vez que a aquisição pelo aluno da língua padrão é necessária e a escola deve preocupar-se com isso, pois essa aquisição representará um instrumento importante na vida do aluno, principalmente quando ele se deparar com situações formais de linguagem.

Neste trabalho, volta-se a atenção para as variedades linguísticas no ensino da Língua Portuguesa, posto que existe uma expectativa de que a norma culta é considerada mais correta do que as outras variedades e é criada, na escola, quando, nas aulas de gramática, são ensinadas as formas consideradas “certas” o que implica que existem as formas “erradas”.

Diante disso, é questionado como o professor está trabalhando as variedades linguísticas no ensino da Língua materna na sala de aula e se a ela possibilita ao aluno compreender a funcionalidade da língua.

Com relação à língua Portuguesa falada no Brasil, sabe-se que as variedades faladas no Nordeste são diferentes das faladas nos estados do Sul e que, no interior dessas regiões, podem também ser observadas diferenças entre um estado ou outro ou até mesmo dentro de uma mesma cidade. As diferenças devidas à região geográfica são mais marcantes em termos da pronúncia e do vocabulário.

Dentre as várias questões envolvidas no processo em que se desenha o ensino da língua portuguesa serão selecionadas na pesquisa aquelas que se acredita que possam contribuir para o aprofundamento da reflexão sobre o que contribui e o que não contribui para o sucesso escolar do educando, uma vez que o insucesso do aprendizado da língua é atribuído à crise existente no ensino de português, quando, na verdade, reflete a crise da educação brasileira.

Assim, decidiu-se fazer uma pesquisa bibliográfica, com o propósito de identificar, à luz de especialistas desse ramo, as razões pelas quais o ensino de língua, especialmente do ensino fundamental, tem sido considerado ineficaz. A partir das constatações feitas, envidaremos esforços no sentido de conscientizar os professores da necessidade de transformar sua prática em sala de aula, perseguindo o tão enfocado objetivo do ensino de Língua Portuguesa – aprimorar a competência comunicativa do usuário, além de torná-lo cidadão consciente, sujeito de sua linguagem.

Este trabalho busca conhecer a importância dada às variações linguísticas no ensino da Língua Portuguesa em uma escola de Ensino Fundamental, identificando como vem sendo trabalhada a Língua Portuguesa nas escolas de Ensino Fundamental.

Para isso, no intento de dar maior solidez e consistência à pesquisa, baseamo-nos em alguns autores como Bortoni-Ricardo (2005), Calvet (2002), Cardoso et al (2013), Castilho (2011), Mollica (2004), Monteiro (2000), Perini (1991), Preti (2004), Tarallo (2003), Travaglia (2009), Marcuschi (1998).

Para a metodologia deste estudo, que se trata de uma pesquisa de campo, que segue uma abordagem qualitativa, usamos, para coleta dos dados, gravações em áudio e vídeo, entrevistas, questionários e observações em sala de aula.

Por uma questão de organização deste trabalho, ele está organizado da seguinte forma: esta introdução; em seguida, no capítulo teórico, se apresentam as considerações sobre a variação linguística, ressaltando a sua importância no ensino do português. Um capítulo metodológico, no qual se apresentam os passos dados para este estudo; um capítulo de análises, em que mostram os resultados coletados na sala de aula e, ainda, se descreve o questionário aplicado ao professor, posto que não se pôde perceber, nas

demais situações, uma recorrência de variações linguísticas na fala dos alunos da turma pesquisada. Por fim, são apresentadas algumas considerações finais acerca deste trabalho.

2 AFINAL, O QUE É VARIAÇÃO LINGUÍSTICA?

A língua, antes de qualquer coisa, é um elemento de interação social e de inclusão. Assim, deve ser um instrumento de libertação e não um grilhão que aprisiona e impede o indivíduo de se expressar, haja vista que ela deve ser, acima de tudo, um veículo comunicativo que abranja os mais diferentes falares, estreitando laços, encurtando caminhos por meio da voz de seu falante deve ser que fala externando o verdadeiro grito que está preso, no seu interior, pela normatização de uma variedade da língua: a língua padrão, que, muitas vezes, poda uma determinada variante em detrimento de outra que não for adequada a determinada situação comunicativa, desprestigiando, por exemplo, os regionalismos existentes em nossa forma de falar. A linguagem é uma atividade cooperativa entre os falantes. Nesse sentido, Du Bois (1993, p. 11) afirma que “(...) a gramática é feita à imagem do discurso”.

A língua, por ser heterogênea, permite, então, as variações linguísticas, levando em consideração o contexto histórico, sociocultural e geográfico em que os falantes estão inseridos. Dado o seu caráter de maleabilidade, a linguagem é capaz de permitir a influência dos diversos falares. Tal característica, caracteriza-se pela forma de suportar desde a variedade culta às variedades utilizadas pelas mais diversas classes sociais.

Para Mollica (2004), a variação linguística é uma das características universais das línguas desenvolvidas naturalmente pelo homem de modo não intencional e, além do mais, convive com forças de estabilidade. Ainda de acordo com a autora, “aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais” (MOLLICA, 2004, p. 27). Em outras palavras, a linguagem suporta as forças atrativas e mais intensas dos diferentes tipos de variedades existentes.

De acordo com Mollica (2004, p. 10-11),

A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. A concordância entre o verbo e o sujeito, por exemplo, é uma

variável lingüística (ou um fenômeno variável), pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: a marca de concordância no verbo ou a ausência da marca de concordância.

A língua falada pelo homem é, de fato, um meio eficiente e abrangente por permitir as mudanças com a finalidade de adequação ao contexto do falante. Conforme Tarallo (2003, p. 6), “a cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada”. A linguagem, sob o aspecto da fala, produz significado e possui originalidade quando consegue traduzir com inteireza toda a realidade vivenciada pelo falante. Para Cardoso et al (2013, p. 246), “ao mesmo tempo, a língua possui um papel ativo na formação de um grupo social e das identidades individuais”. Observa-se que a língua age como uma ponte que liga lado opostos e serve de canal interativo, ou seja, ela que rompe barreiras e aproxima seus falantes.

Quando se fala em variação lingüística, convém destacar os tipos existentes, a saber: (1) geográfica ou diatópica, (2) histórica ou diacrônica, (3) sociocultural ou diastrática, conforme Calvet (2002).

Segundo Preti (2004, p. 24, grifos no original), as variedades geográficas “(...) ocorrem num plano horizontal da língua, na concordância das comunidades lingüísticas, sendo responsáveis pelos chamados *regionalismos*, provenientes de *dialetos* ou *falares* locais”. As mudanças do tipo geográfico (diatópico), denominadas por dialetos, são as marcas dos falares referentes às mais diferentes regiões do país. Para exemplificar esta variedade, Beline (2008, p. 122) afirma que “pode ser que o falante não saiba que ‘jerimum’, palavra muito usada na Bahia, corresponde a ‘abóbora’, termo muito mais comum nos estados do Sul e Sudeste de nosso país”. Também é o caso do termo “macaxeira”, principalmente usado na região nordeste, enquanto em outras regiões é conhecido por “mandioca” ou “aipim”.

A variação lingüística diacrônica está relacionada à constatação da escrita de um texto em diferentes épocas, de modo que se verificam as diferenças sistemáticas no contexto gramatical, lexical e, por vezes, no aspecto ortográfico. É importante frisar que as diferenças são mais acentuadas quanto maior for o tempo que divide um texto do outro, isto é, um texto escrito há muito

tempo (português arcaico) e um texto escrito na atualidade. Tal fenômeno ocorrido a cada um dos estágios da língua ao longo da história denomina-se variedade diacrônica (PRETI, 2003).

A variedade histórica (diacrônica) serve para mostrar que a língua não é um sistema estático e imutável, mas que está sempre em processo evolutivo. A esse respeito, Calvet (2002, p. 79) assegura que “as línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a mudança diacrônica se acrescenta a outra, sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado”. É oportuno dizer que estes dois grupos de variedades se complementam e, no aspecto da variedade diacrônica, as mudanças ocorrem paulatinamente, quase que de forma imperceptível.

As variedades socioculturais, segundo Preti (2003, p. 17), “compreendem as variações provenientes da idade, sexo, profissão, nível de estudos, classe social, localização dentro da mesma região, raça, as quais podem determinar traços originais na linguagem individual”. Elas dizem respeito às transformações sofridas pela linguagem proporcionadas pelo ambiente em que o falante está inserido.

Convém destacar, segundo Bortoni-Ricardo (2005), que, para se obter um ensino exitoso e reflexivo em sala de aula, cabe ao professor de língua materna considerar as variações que a língua possui. Além do mais, requer uma dose de motivação e empenho em pesquisá-las e conhecê-las melhor, a fim de que possa socializar os conhecimentos acerca das variações da língua com seus alunos durante as aulas. Também é fundamental lembrar que este deve levar sempre em consideração os diversos falares de seus alunos advindos de várias realidades sociais, já que a língua está intimamente ligada aos fatores sociais e culturais.

Toda língua é constituída por um conjunto de variantes, seja ela usada por uma comunidade isolada ou por milhares de falantes, isto é, a língua nunca é concretizada de uma mesma forma por todos os indivíduos ou até por um mesmo indivíduo. Nesse sentido, cabe à sociolinguística tornar evidente a variação sistemática da estrutura linguística em consonância com a estrutura social. Portanto, essas variações não são aleatórias, mas são dimensões que se encontram condicionadas aos fatores sociais com os quais a diversidade linguística se relaciona.

A respeito da interação por meio da linguagem, Cardoso et al (2013, p. 241), baseando-se em Pinsky (2006) afirma que

Portanto considero que a língua é sociinteracionalmente determinada. Assim, o sujeito falante torna-se (inter)agente e atuante no mundo heterogêneo desde que lhe seja dado o direito de exercer seus direitos, porque não há como conceber desenvolvimento sem inclusão social.

Observa-se que é por meio da linguagem que o falante interage socialmente com o outro semelhante. Vale destacar que a língua não se restringe apenas a um dado processo de representação, mas a um exercício de co-construção da realidade social e cultural. Assim, ela é matéria viva e, que sempre se renova e inova ao longo do seu percurso. A língua como produto do contexto humano, logo, está impregnada de elementos sociais e culturais que refletem e caracterizam seus falantes (SAUSSURE, 1995).

As variações linguísticas envolvem vários fatores extralinguísticos, isto é, a locução praticada entre os falantes não é, necessariamente, literal e, assim, só pode ser entendida se levarmos em consideração o contexto em que ocorre. É possível encontrar sempre situações sociocomunicativas em que há problemas no que se refere à compreensão textual. Um gesto, a entonação da voz, a expressão do rosto, enfim, são fatores que auxiliam na compreensão do que é falado, entretanto, no texto escrito, isto não é possível.

É importante que se dê atenção para as constantes mudanças da linguagem, sobretudo observar a pressão de forças que incidem sobre o sistema linguístico. Segundo Mollica (2004, p. 12),

Todo sistema linguístico encontra-se preferencialmente sujeito a pressão de duas forças que atuam no sentido da variedade e unidade. Esse princípio opera por meio da interação e da tensão de impulsos contrários, de tal modo que as línguas exibem inovações mantendo-se, contudo, coesa: de um lado, o impulso à variação e possivelmente à mudança; de outro, o impulso à convergência, base para a noção de comunidade lingüística, caracterizada por padrões estruturais e estilísticos. Assim, as línguas apresentam as contrapartes fixa e heterogênea de forma a exibir unidade em meio à heterogeneidade.

Entende-se que a variação linguística é um acontecimento presente em todo universo e conjectura a presença de outros dispositivos que proporcionam os atalhos da linguagem, as variantes. De acordo com Tarallo (2003, p. 08),

Em toda comunidade de fala são freqüentes as formas lingüísticas em variação. Como referimos anteriormente, a essas formas em variação dá-se o nome de 'variantes'. 'Variantes lingüísticas' são, portanto, diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e mesmo com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se nome de 'variável linguística'.

É importante que o professor de língua portuguesa tenha este interesse em conhecer o processo de variação de modo a levar seus alunos a uma reflexão mais profunda sobre seu próprio jeito de falar; assim como aproveite o máximo o linguajar de seu alunado explicado seus usos, pois as variantes e as variáveis fazem parte da linguagem.

Para Calvet (2002, p. 80), variável é “o conjunto formado pelos diversos modos de realizar a mesma coisa (um fonema, um signo...) e variante é cada uma das formas de realizar a mesma coisa”. Percebe-se que o falante dispõe de um enorme acervo de palavras para dizer algo de várias formas, devido à plasticidade da língua. No entender de Callou e Leite (2009, p. 98)

Variantes são formas diferentes de dizer a mesma coisa, num mesmo contexto, sem alteração básica de sentido. Variável pode ser definida como um conjunto de variantes dentro da estrutura linguística. Mas não todo conjunto de variantes.

Observa-se que qualquer língua falada está propensa à variação. Convém dizer que, em meio a tantas variantes linguísticas, não existe uma “forma correta” de dizer determinada palavra em um dado contexto, mas a forma mais adequada à situação em que o falante estiver envolvido. Sendo assim, o sujeito falante que fala bem é aquele que consegue estabelecer uma comunicação que se adeque a cada ambiente, isto é, ao grau de formalidade que a situação exigir (BORTONI-RICARDO, 2005).

Com base nestas discussões, segundo Monteiro (2000), a variação linguística é condicionada por fatores internos ou externos, o que exclui quaisquer possibilidades de existência da chamada variação livre, visto que

para Tarallo (2003, p. 36), “a sistematização do ‘caos’ lingüístico demonstra, em seus resultados, que a cada variante correspondem certos contextos que a favorecem. A esses contextos daremos o nome de ‘fatores condicionadores’”. A variação, ainda segundo Tarallo (2003) é um fenômeno que assume o “caos” lingüístico como objeto de estudo, tendo em vista que, no meio social, as variantes lingüísticas coexistem e se interpenetram.

Percebe-se que, no interior da linguagem, estão contidas aquelas variantes ditas de “maior prestígio social” e outras “de menor valor”. Elas estão arraigadas no seio da sociedade ao ponto de alguns falantes terem receio de se expressar ao seu modo. Outro, por sua vez, chega ao ponto de recusar seu linguajar originário para falar outra diferente da sua. Nesse sentido, para Monteiro (2000, p. 65)

Um dos preconceitos mais fortes numa sociedade de classe é o que se instaura nos usos da linguagem. Se o falante é um camponês ou mora numa favela, se é analfabeto ou de baixo nível de escolaridade, é lógico que sua maneira de falar não será a mesma que a das pessoas que se situam no ápice da pirâmide social.

O preconceito sofrido pelos falantes que habitam nestes locais descritos pelo autor é muito velado nos dias de hoje. A sociedade ainda está impregnada pelo ranço preconceituoso do colonialismo, como se todos devessem falar uma só variável, a padrão, tendo em vista que a linguagem está intimamente ligada à estrutura social e ao modo de ser e agir de seus falantes.

Dada a grande diversidade de falares encontrados no Brasil, por exemplo, surgem inúmeros dialetos e os mais diversos sotaques. De acordo com Callou e Leite (2009), a língua padrão demonstra mais status e prestígio do que qualquer outra variante. Porém, no entendimento das autoras, a linguagem padrão vem a ser apenas uma variante dentre tantas outras, com sua importância na atuação de força contrária à variação. Para Monteiro (2000, p. 64, grifos no original), “uma variante em geral adquire prestígio, se for associada a um falante ou grupo social de *status* considerado superior. E, com isso, tal como se verifica na moda, pode passar a ser imitada por outras pessoas de classe inferior”.

A questão do falar de diferentes classes sociais mostra que o meio influencia muito para que aconteçam as variações linguísticas. Estigmatizar e constranger um ser humano como um mau falante sem conhecer suas raízes, o seu grau de instrução, não é a forma mais sábia de inseri-lo na sociedade de maneira a sentir-se incluído.

Para entendermos melhor a luta dos linguistas para mostrar outra realidade pobre do nosso português sobre as variações linguísticas no país, recorre-se a Bagno (2009, p. 27-28) para quem

O fato é que, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “uma”, uniforme e homogênea. O monolinguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variações em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico, etc.) e sem todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.).

Concordar com Bagno (2009) é dizer que o português do Brasil é completamente diverso e variável, isso pelo fato, ou melhor, por vários fatores, como extensão territorial, injustiça social, péssima distribuição de renda, entre outros. As variedades estigmatizadas do português brasileiro se concentram nas periferias, nas cidades miseráveis ou pobres, entre analfabetos e semianalfabetos e isso prova que o preconceito linguístico está claramente ligado a outros inúmeros tipos e preconceito.

Segundo Cristófar-Silva (2005, p. 12, grifos no original),

Falantes de qualquer língua prestigiam ou marginalizam certas variantes regionais (ou pelo menos não as discriminam) a partir da maneira pela qual as sequências sonoras são pronunciadas. Assim, determinamos **variantes de prestígio** e **variantes estigmatizadas**. algumas variantes podem ser consideradas neutras do ponto de vista de prestígio. Temos em qualquer língua as chamadas **variantes padrão** e **variantes não-padrão**. Os princípios que regulam as propriedades das variantes padrão e não padrão geral mente extrapolam critérios puramente linguísticos. Na maioria das vezes o que se determina como sendo uma variante padrão e variante não-padrão relaciona-se à classe social de prestígio e um grau relativamente alto de educação formal dos falantes. Variantes não-padrão geralmente desviam-se destes parâmetros.

Educação de qualidade ainda não está ao alcance de todos. Infelizmente, no país, uma minoria tem acesso a bons colégios e, conseqüentemente, obtém uma boa formação em detrimento de quem é desprovido financeiramente. Por isso, é que, consoante Doriam (1994 apud Monteiro, 2000), vem se aceitando, progressivamente, o fato de que a heterogeneidade linguística reflete a variabilidade social e as diferenças no uso das variantes linguísticas correspondem à diversidade social dos grupos e à sensibilidade que eles mantêm em termos de normas de prestígio.

Como a variação linguística reflete as diferenças sociais, as variantes dos segmentos socialmente marginalizados da população são estigmatizadas e a intensidade do preconceito é proporcional à identificação da variante com a classe discriminada. Para Mollica (2004, p. 40, grifos no original)

As variantes linguísticas estigmatizadas pela comunidade de fala possuem, muitas vezes, uma função de garantir a identidade do indivíduo com um determinado grupo social, um sistema de valores definido. Isso é, são formas partilhadas no interior de um grupo e assinaladoras de sua individualidade com relação a outros grupos sociais. Se um indivíduo deseja integrar o grupo, deve partilhar, além das suas atitudes e valores, a linguagem característica desse grupo. Nesse caso, determinadas formas de linguagem se investem de um *status* particular, embora sejam desprovidas de prestígio na comunidade linguística em geral.

No entanto, à medida que se dinamiza o uso de uma variante, a restrição diminui. Assim, o preconceito linguístico é social, à proporção que as variantes adquirem as características do seu grupo: quando originada da classe dominante, esta se torna de prestígio, e, quando pertence às classes marginalizadas, são discriminadas (BAGNO, 2009).

As variações diacrônicas, por exemplo, são as variantes conservadoras ou inovadoras, as quais vivem numa luta acirrada que se configura no processo de mudanças linguísticas pelo qual a conservadora é paulatinamente substituída pela inovadora que, por ser novidade, é estigmatizada, visto que o dialeto padrão goza de melhor prestígio na comunidade.

Na concepção de Tarallo (2003, p. 11-12)

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se em relação de concorrência: padrão vs. não-padrão; conservadora vs. inovadora; de prestígio vs. estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico da comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. Por exemplo, no caso da marcação de plural no português do Brasil, a variante [s] é padrão, conservadora e de prestígio; a variante [Ø], por outro lado, é inovadora, estigmatizada, não-padrão.

Diante disso, acredita-se que é tarefa da escola, por meio de um ensino que valorize o humano e o respeito às diferenças, contribuir para a superação do preconceito social em relação à variação linguística. Assim, ou a escola se abre e incorpora de uma vez por todas o verdadeiro papel de valorização dos diversos falares de seu corpo discente, aproveitando o máximo o potencial cultural e linguístico de seus alunos; ou permanece nos mesmos “erros” na forma de ensinar a língua.

Para tanto, o professor deve recorrer aos vários processos explicadores da variação, como o diacrônico, que, ao permitir a compreensão histórica da língua, explica a permanência de alguns vocábulos ou pronúncias, mantendo a unidade numa dada comunidade e não como um erro. Isto é, explicando para seus alunos que existe aquela variação da língua ensinada pelas gramáticas, mas existem outras variantes e que estas têm a sua importância no ensino. Sobretudo, no que se refere a competência comunicativa do aluno. (OLIVEIRA, 2010).

2.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Por que ensinar Português? Primeiro, se poderia argumentar que o aluno já sabe português. Então, por que ensinar português a um nativo? Ora, primeiro que o fato de ser nativo não faz do aluno um conhecedor da língua na sua totalidade. Ele sabe, mas apenas em parte, e isso é razão suficiente para se ensinar a língua portuguesa. O problema não reside no ensinar português ao falante desta língua, mas, como bem diz Cagliari (2003), na maneira como se ensina a língua que é transmitida ao aluno como se ele fosse um

estrangeiro. É como se tudo o que ele sabe sobre a língua fosse dispensável ou errado. De acordo com Oliveira (2010, p. 43),

Quando chega à escola, no ensino fundamental, o estudante possui um determinado nível de competência para se comunicar e para interagir na sociedade, fato que reforça a ideia de que ele sabe português. Entretanto, ele não sabe como interagir em quaisquer situações sociais. Por exemplo, ele ainda não sabe como se comportar linguisticamente em uma entrevista de emprego, nem saber redigir um curriculum vitae, uma carta de apresentação para se candidatar a um emprego ou anúncio para vender filhotes recém-paridos de sua cachorra parideira.

A variação e o ensino de língua materna devem caminhar juntos, e o professor, por sua vez, como mediador do conhecimento, ajudando o estudante a fazer o uso adequado de sua língua, ou seja, as diversas variantes que a linguagem o coloca a seu dispor. É importante que o aluno, por intermédio de seu professor de português, possa descobrir as variantes que a língua materna possui, objetivando saber se comportar linguisticamente nas mais diversas situações de fala.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) acreditam que os conteúdos de Língua Portuguesa nas escolas devem ser relacionados em função das habilidades dos alunos. Por isso, o uso da língua oral deve ser levado em consideração, assim como a análise e reflexão. Conceber o conhecimento prévio do aluno é um princípio didático para todo professor que pretende realmente ensinar ao estudante a sua língua. Contudo, convém que ele fique alerta, pois não é sua função ensinar o aluno a falar, uma vez que isso é algo que o discente aprende muito antes da idade escolar. Os Parâmetros (1997) ressaltam que, talvez por isso, a escola não tenha tomado para si a tarefa de ensinar quaisquer usos e formas da língua oral e, quando o fez, foi de maneira inadequada: tentou corrigir a fala “errada” dos alunos por não ser coincidente com a variedade linguística do prestígio social. Segundo os PCN (1997, p. 49), “expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é”.

Acerca das concepções de gramática, Travaglia (2009) considera que a gramática de uma língua é o conjunto de condições linguísticas para a

significação. Ele cita quatro tipos de atividades de ensino de gramática: de uso, reflexiva, teórica e normativa. O autor aponta, ainda, que o trabalho do professor deve ser desenvolvido aproveitando a ocorrência de recursos e fatos da língua no seu uso que o aluno faz enquanto produtor e receptor de textos, o que vai atender a suas necessidades mais imediatas.

Nesse sentido, Travaglia (2009, p. 108) propõe que

O ensino de gramática seja basicamente voltado para uma gramática de uso e para uma gramática reflexiva, com o auxílio de um pouco de gramática teórica e normativa, mas tendo sempre em mente a questão da interação numa situação específica de comunicação e ainda o que faz da sequência linguística um texto que é exatamente a possibilidade de estabelecer um efeito de sentido, uma unidade de sentido para o texto como um todo.

É importante considerar que o professor deve contextualizar a gramática normativa à realidade linguística do aluno, pois é por meio da interação, reflexão e mediação em torno da linguagem que nossos alunos irão buscar um novo sentido no tocante à língua portuguesa.

Tal fato constitui um absurdo, pois o objetivo do ensino do Português deve ser demonstrar ao aluno “a funcionalidade da língua” (CAGLIARI, 2003, 28), as suas múltiplas funções e não a institucionalização de uma forma privilegiada como certa em detrimento das outras, mesmo porque a língua não é estática, mas um organismo vivo e dinâmico. Para Marcuschi (1998, p. 144)

Seria um excelente início se a escola desse atenção para a língua falada como ponto de partida e tomasse a escrita como ponto de chegada. Respeitar a fala do aluno é ter sensibilidade para sua realidade, para seu mundo e para seus conhecimentos linguísticos.

Dessa maneira, a escola estaria exercendo seu papel social e, sobretudo, sua humanização. A escola, como instância principal de incentivo e lapidação dos valores de cada aluno, principalmente seus valores socioculturais, deve disponibilizar um ensino que vise à funcionalidade da língua, assim como respeitar a gramática internalizada pelo aluno.

A variação linguística e a gramática portuguesa no ensino fundamental devem ser vistas pelo professor com bastante cuidado e flexibilidade, já que

língua é uma forma de interação social. Nesse sentido, segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 27),

Já se verificou como as diferenças linguísticas socioletais interseccionam-se com diferenças linguísticas funcionais. O domínio da língua-padrão é requisito obrigatório para o desempenho em eventos de fala formais e públicos. Em contrapartida, certos traços que caracterizam socioletos populares são empregados por falantes da língua-padrão em situações informais da fala. Dessa forma, funcionam como indicadores de estratificação social da língua e também como marcadores de registro no repertório verbal do indivíduo, o que torna operacionalmente difícil distinguir, para efeitos didáticos, estilos coloquiais da língua-padrão de algumas variedades não-padrão. Ao aplicar as recomendações dos linguistas, o professor de português seria levado a tomar decisões arbitrárias no levantamento de traços não-padrão presentes na linguagem dos alunos.

Assim, observa-se que há, na fala de cada indivíduo, um retrato fiel de suas origens. É, pois, nesta perspectiva, que a gramática portuguesa deve ser ensinada, respeitando, sobremaneira, o jeito de se expressar do aluno. Daí a importância que tem o mediador, ou seja, professor, em perceber, em aproveitar o modo de falar dos estudantes para fazer uma explanação do que venha a ser língua e que ela é variável, não é algo imutável, isto é, pode mudar. Além disso, mostrar que a gramática normativa não consegue abarcar por inteiro a língua, haja vista que ela descreve apenas um pequeno percentual do que vem a ser a língua. Para Cristófar-Silva (2005, p. 15)

A gramática prescritiva ou gramática normativa explicita as regras determinadas para uma língua qualquer. Contudo, é basicamente impossível encontrar um falante que faça uso de todas as regras gramaticais prescritas, sem violações. Há méritos nas gramáticas normativas, sobretudo quanto ao estabelecimento de dos padrões que são compartilhados pelos falantes. Entretanto, a consulta a uma gramática normativa deve ser feita criticamente, avaliando-se as particularidades da linguagem utilizada pelos falantes.

Observa-se que a escola é, de fato, um local ideal para fazer acontecer o entrelaçamento da variação linguística com o um ensino de língua materna. Portanto, deve ser espaço que valorize cada vez mais o aluno, mas, para isso,

é importante que o professor de língua materna conduza sempre seus alunos a uma reflexão gramatical e, sobretudo, os incentive a leitura a produção de textos orais e escritos nos mais diversos gêneros (CASTILHO, 2011).

É importante ressaltar que, na variação linguística e no ensino de língua materna, é imprescindível o respeito à fala do aluno. O professor de português deve valorizar as diversas variedades da língua, de modo a diminuir o preconceito linguístico existente no meio social. A escola, juntamente com o professor e os alunos, deve trilhar a caminho de uma linguagem interativa e não uma linguagem excludente, que impede o falante de expressar o que é mais puro e original, o próprio falar.

De acordo com Marcuschi (1998), uma atividade importante é sensibilizar o aluno para a sua própria fala a fim de fazer ver que ele já sabe muito de sua língua e deve aproveitar ao máximo esse conhecimento quando se expressar na escrita.

Para Castilho (2011), há uma forte estratificação social que produz a diferença social e, por conseguinte, a linguística. É quando, na ótica do autor, as gramáticas assinalam que determinados usos pertencem à linguagem popular, mas não como um marco de diferenças objetivas entre variedades, mas no sentido de uma forma de condenação, isto é, de não aceitação e, portanto, um ato discriminatório. O motivo para proscrever espécies de fala como, por exemplo, *muié* (=mulher), *trabaio* (=trabalho), *fumu* (=fomos) é tão-somente, ainda segundo o linguista, por serem formas usadas pelo povo, em uma clara oposição à elite, quase sempre econômica, política e cultural da mesma sociedade.

Segundo Silva (2004, p. 67),

Ao estudar a língua em uma comunidade, defrontamo-nos com a realidade da variação. Os membros da comunidade são falantes homens e mulheres de idades diferentes, pertencentes a estratos socioeconômicos distintos, desenvolvendo atividades variadas, e é natural que essas diferenças, identificadas como sociais ou extremas, atuem na forma de cada um expressar-se.

A escola, apesar de estar no século XXI, continua vivenciando o atraso pedagógico que marcou o ensino, predominantemente entre 1930 e 1980,

quando o professor foi marchando até tornar-se um instrutor, um tecnicista; e o aluno, um robô, uma esponja passiva que deveria absorver todos os líquidos que lhe aspergissem, ainda que lhe parecessem absurdos dogmáticos.

Dada a diversidade da linguagem e suas inúmeras facetas, é inconcebível ignorar a variedade linguística existente. O ensino de língua materna é prejudicado quando se limita tão somente ao que está grafado nas páginas gramaticais, isto é, há uma falha enorme no processo de ensino por não refletir o contexto linguístico. Nesse sentido Perini (1991, p. 6) aponta três pontos nos quais a gramática tradicional é deficitária

As falhas da gramática tradicional são, em geral, resumidas em três grandes pontos: sua inconsistência teórica e falta de coerência interna; seu caráter predominantemente normativo; e o enfoque centrado em uma variedade da língua, o dialeto padrão (escrito), com exclusão de todas as variantes. Todos os três pontos merecem atenção cuidadosa; só teremos uma gramática satisfatória como base para o ensino, quando os três estiverem devidamente repensados.

Observa-se que a variação linguística e o ensino de língua materna devem superar falhas citadas acima pelo autor. É importante notar que este ensino leve em consideração as mudanças linguísticas presentes na linguagem humana, valorize e respeite o jeito de falar do aluno. Nessa direção, Perini advoga (1991, p. 6) que

(...) a gramática deverá, primeiro, colocar em seu devido lugar as informações de cunho normativo: não necessariamente suprimindo-as, mas apresentando o dialeto padrão como uma das possíveis variedades da língua, adequada em certas circunstâncias e inadequada em outras (é tão 'incorreto' escrever um tratado de Filosofia no dialeto coloquial quanto namorar utilizando o dialeto padrão). Depois, a gramática deverá descrever pelo menos as principais variantes (regionais, sociais e situacionais) do português brasileiro, abandonando a ficção, cara a alguns, de que o português do Brasil é uma entidade simples e homogênea.

Assim, a gramática deverá ser sistematizada, teoricamente consistente e livre de contradições. É importante informar ao aluno que a língua é dinâmica, variável e, assim, admite diversas formas de expressão (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012). Cada uma dessas formas é legítima em seu universo cultural

e específico, não se trata apenas da forma mais adequada de fazer com que o aluno conheça a realidade de sua língua, mas um preceito essencial de uma educação cidadã; fundada nos princípios democráticos, do reconhecimento da diferença como parte integrante do respeito à dignidade da pessoa humana.

Faz-se necessário, também, que o professor de língua materna considere os fatores constitutivos da atividade conversacional para diminuir o distanciamento entre a fala e a escrita. Assim, de acordo com Fávero (2012, p. 17-18),

Para os estudos da língua falada, torna-se fundamental analisar como se estrutura a conversação. Esta é definida como atividade na qual interagem dois ou mais interlocutores que se alternam constantemente, discorrendo sobre temas próprios do cotidiano. Eles organizam sua fala em turnos, que se alternam sem uma disposição fixa, o que caracteriza o encontro em relativamente assimétrico.

É muito importante levar em consideração a variação linguística ao invés de, simplesmente, taxar de “errado” as construções diferentes, realizadas pelos alunos nos seus textos, haja vista que, nessa fase, a oralidade, a gramática de uso, ou seja, aquilo que ele trouxe de casa, é o que ele tem a sua disposição para expressar-se, sendo, portanto, mais que natural que ele escreva como ouve. Então, nesse caso, é óbvio que haverá variação, pois vai depender do seu falar, de fatores como o nível social e intelectual da sua família, idade, do dialeto que falam.

Esse tem sido o maior problema nas séries iniciais: o da fala e da escrita, que é o tema desse trabalho, haja vista que muitos autores ainda não levaram em conta por não entenderem de fato o que acontece, especialmente nas séries iniciais, quando a criança tem seus primeiros contatos com a língua na sua modalidade escrita. Por essa razão, atribuem valores de certo e de errado aos diferentes modos de expressão escrita da criança, porque a escola, incorporando o comportamento preconceituoso da sociedade, também rotula os alunos pelos modos distintos de falar. Segundo Marcuschi (1998, p. 145)

A fala varia de acordo com os contextos de uso e situações, os falantes, os objetivos, as relações interpessoais etc. Também varia de acordo com as profissões e as classes sociais. Postular a uniformidade lingüística no desempenho oral é

ignorar fatos óbvios a qualquer observador atento, mesmo que não seja um cientista da lingüística. Não há como evitar a variação, seja dentro ou fora da sala de aula.

Por isso, para que a escola possa aceitar a variação linguística, precisa mudar toda a sua visão de valores educacionais. Porém, enquanto isso não acontece, o professor esclarecido, como bem diz Cagliari (2003), deve apostar na pluralidade dialetal, na capacidade cognitiva de seus alunos e explicar os problemas da variação linguísticas entre eles, explicando o que isso representa e como a sociedade as encara, seus preconceitos e consequências políticas e sociais para cada um.

A pluralidade linguística é a pilastra principal de uma sociedade democrática de crenças, de opinião, de comportamento, de expressão sexual. Entretanto, a variedade linguística é vista sempre como uma ameaça, sem que os falantes se deem conta do autoritarismo reinante que tal visão propaga, especialmente se considerarmos os alunos do ensino fundamental, para quem as consequências imediatas, principalmente sobre o rendimento escolar, podem ser fatídicas e não apenas de notas. Estes se tornarão, certamente, alunos apáticos, inertes, envergonhados de sua condição. Seguramente, não se expressarão, falarão pouco por medo de pronunciar “errado” as palavras e, conseqüentemente, não questionarão e, portanto, terão o aprendizado comprometido, já que guardarão suas dúvidas para si próprios, não possibilitando a si mesmos o desenvolvimento esperado.

No Brasil, não existe um “padrão linguístico” rígido, falado apenas por um grupo. Segundo Cagliari (2003, p. 85), “No Brasil a situação é diferente. Não existe um Português da Rainha, nem do Imperador, presidente da República ou equivalente”. Isso porque predomina, entre nós, como no resto do mundo, a variação linguística, em que cada sociedade tem a sua variedade de prestígio e outras mais ou menos estigmatizadas.

Entretanto, ainda segundo o mesmo autor, essas diferenças que separam as variedades têm sido, nos últimos anos, atenuada pela influência do rádio e da TV, que têm criado um padrão de fala, como se fosse um modelo único a ser seguido. Assim, as pessoas que as assistem (a maioria dos brasileiros) tendem a reproduzir, naturalmente a fala da TV, inclusive, as crianças.

Nessa direção, Cagliari (2003, p. 36) afirma que

No entanto, a diversidade linguística precisa ser reputada pela escola a fim de não cometer injustiças por confundir “variação” com “discriminação auditiva”, por exemplo, quando a criança não distingue “r” e “l”, no caso em que pronuncia e escreve “plato” em vez de “prato”. Isso não é resultado de nenhum problema auditivo, mas de variação linguística, pois, se pensarmos bem, isso reflete a classe sócio – cultural da qual ela provém. Sendo assim, há de se convir que é muito mais adequado, e ético, explicar, neste caso, o fenômeno fonético como resultado de um processo da convivência social do que simplesmente taxá-lo de “certo” ou “errado”, reproduzindo, com isso, o preconceito social.

Vale acrescentar que a língua não se apresenta uniforme e única: ela apresenta variações, conforme os grupos que a usem. Cada uma das variantes da língua usada por um grupo apresenta regularidades, recursos normais para aquele grupo, e chama-se dialeto. Os principais dialetos são: o etário (da criança, do jovem e do adulto); o geográfico, ou regional; o de gênero (feminino e masculino); o social (popular e culto); o profissional (TRAVAGLIA, 2009).

Os dialetos são equivalentes do ponto de vista linguístico: nenhum é melhor do que outro. Cada um cumpre perfeitamente suas funções comunicativas no âmbito em que é usado. Considerar um superior a outro é um preconceito sem fundamento (TRAVAGLIA, 2009). Diante disso, a variação linguística e o ensino de língua materna não devem ser tratados separadamente, mas em conjunto. O ensino de língua portuguesa jamais pode omitir a variedade que está presente nas mais diversas formas de expressão. É sempre oportuno que o professor conduza seu aluno a compreender as mais diversas variedades. A esse respeito, Paiva (2004, p. 33) afirma que

A análise da dimensão social da variação e da mudança linguística não pode ignorar, no entanto, que a maior ou menor ocorrência de certas variantes, principalmente daquelas que envolvam o binômio forma padrão/forma não padrão e o processo de implementação de mudanças estejam associados ao gênero/sexo do falante e à forma de construção social dos papéis feminino e masculino.

É fundamental que o professor aproveite as variações linguísticas para refletir em sala de aula com seus alunos a importância de saber usar tais variedades. De fato, linguagem exerce um papel fundamental no seio da

sociedade. Convém que o professor saiba repassar tudo isso para seu alunado. De acordo com Castilho (2011, p. 21)

Via de regra o aluno não procede de um meio letrado. Sua família enfrenta as tensões da vida urbana, uma novidade para muitas delas. A escola deve iniciar o aluno valorizando seus hábitos culturais, levando-o a adquirir novas habilidades desconhecidas de seus pais. O ponto de partida para a reflexão gramatical será o conhecimento linguístico de que os alunos dispõem ao chegar à escola: a conversação.

A variação linguística e o ensino de língua materna devem estar interligados, a fim contribuir com o conhecimento linguístico dos alunos. A escola deve ser a instância motriz na inclusão de todos os falantes. O professor por sua vez, é peça fundamental na reflexão em torno da gramática e também outras variantes, sobretudo o uso da língua. Parra Marcuschi (1998, p. 153-154)

A escola não vai ensinar-lhe novamente a língua que ele já aprendeu em casa. Ela apenas mostrará novas formas de uso da língua. Vai dar uma série de suportes úteis ao aluno. Sob este aspecto as aulas de Língua Portuguesa, enquanto língua materna, não são a mesma coisa que as aulas de matemática ou história.

Assim sendo, a escola deve focar a o uso da língua. E também a linguagem exerce um papel importante, não apenas de comunicar, mas porque tem a capacidade de levar os falantes a se interagirem socialmente. A concepção de língua como um sistema de signos específicos, histórico e social, possibilitando aos homens e mulheres a interagirem com o mundo que os cerca e, conseqüentemente com a sociedade. E também, pelo fato da variação linguística ser parte inerente a língua.

A variação linguística e o ensino de língua materna: o que fazer em sala de aula? Pois bem, o professor que leciona português deve refletir com seus alunos em sala de aula aos principais aspectos da língua. Como por exemplo: heterogênea, multiforme e mutável.

3 METODOLOGIA

3.1 SITUANDO E CARACTERIZANDO O LOCAL DA PESQUISA

O campo de pesquisa escolhido para este estudo foi a Unidade Escolar Jorge Leopoldo, situada na Rua Jorge Leopoldo, s/n, bairro Catavento, em Picos – PI. O prédio foi construído na década de oitenta, mais precisamente em fevereiro de 1983, e conta com uma área construída de 458,54 m².

A escola dispõe de três salas de aula; três banheiros, sendo um feminino, um masculino e outro destinado aos funcionários; uma sala de informática com onze computadores (que funciona também como depósito de material didático); uma sala para diretoria (que funciona como sala dos professores); uma cantina equipada com um freezer, uma geladeira, um liquidificador, um fogão industrial, um kit refeitório composto por cinco mesas e quarenta cadeiras; uma área coberta; um almoxarifado, com merenda escolar, materiais de limpeza e de expediente.

Apesar de não possuir um espaço exclusivo para a biblioteca, a escola possui um kit biblioteca, com dez prateleiras, cinco mesas e trinta cadeiras; além de uma máquina de xérox; dois bebedouros; sete ventiladores; dois bebedouros; oito armários; um computador para secretaria; dois arquivos; dois aparelhos de som; uma caixa de som; um microfone; uma TV; um DVD player; duas impressoras; um ar-condicionado; sete centrais de ar; e um notebook.

A escola funciona nos turnos manhã, tarde e noite, abrangendo os níveis de Ensino Fundamental (7º, 8º e 9º ano) e Ensino Médio (1º, 2º e 3º). A escola que se executou a pesquisa possui o total de 111 (cento e onze) alunos matriculados e que frequentam as aulas.

Observa-se que deste total existente, 49 (quarenta e nove) alunos estudam no Ensino Fundamental. Ou seja, 14 (quatorze) alunos cursam o 7º ano; 22 (vinte e dois) cursam o 8º ano e 10 (dez) cursam o 9º ano.

Percebe-se também que a quantidade de alunos que cursam o Ensino Médio é superior ao número de alunos que estudam no Ensino Fundamental. Pois, dos 111 (cento e onze) alunos, 62 (sessenta e dois) cursam o Ensino Médio.

A escola também é contemplada com O programa Mais Educação do governo federal. O programa atende a 46 (quarenta e seis) alunos. Eles são assistidos com esporte e lazer, reforço escolar, entre outros.

O programa Mais Educação foi instituído pela Portaria de Interministerial de nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10. A estratégia do programa é induzir a ampliação da jornada da jornada escolar, bem como a organização curricular na perspectiva da Educação Integral. Conforme está descrito na página oficial do MEC,

As escolas das redes públicas de ensino estaduais, municipais e do Distrito Federal fazem a adesão ao Programa e, de acordo com o projeto educativo em curso, optam por desenvolver atividades nos macrocampos de acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

Atualmente, o núcleo gestor é composto por uma diretora, uma diretora adjunta, uma secretária e duas coordenadoras, responsáveis por oferecer suporte pedagógico e acompanhar a frequência dos educandos. A equipe pedagógica é a responsável por cuidar do aspecto pedagógico desenvolvendo um ensino de qualidade, empregando todos os recursos didáticos possíveis, fazendo reuniões mensais, debates e discussões acerca das atividades desenvolvidas na escola. Para isso, são realizados encontros mensais, com uma programação nivelada a todos, com sugestões, trocas de experiências, textos reflexivos e dinâmicos.

O conselho escolar, composto por pais de alunos, professores. Isto é, tem o objetivo de gerir os recursos financeiros. O dinheiro vem direto para a conta da Unidade Executora, ou seja, o Conselho Escolar. A ativa participação de todos os membros nas estratégias de ação contribui decisivamente para o fortalecimento gestão participativa. Uma vez que escola e comunidade decidem juntos as prioridades a serem executadas.. O grêmio estudantil e a associação de pais estão em processo de construção.

O corpo docente é constituído por 21 professores, sendo 11 efetivos, dos quais 10 têm pós-graduação *lato sensu*; e 10 celetistas, ainda em fase de

conclusão dos seus cursos na universidade. Existem, ainda, dois professores de apoio pedagógico.

O relacionamento administração, corpos docente e discente representa um segmento participativo e de encaminhamento das demandas educacionais e funcionam gerenciando, organizando, acompanhando, oferecendo condições de trabalho para toda a equipe pedagógica, promovendo melhorias tanto para os alunos como para os funcionários.

A escola possui um regimento interno, composto por um conjunto de regras e normas a serem seguidas para uma boa organização disciplinar, com vistas a desenvolver um bom trabalho. São contemplados, nesse regimento, os direitos e deveres dos alunos, professores e pais. Dessa forma, a instituição analisada possui uma gestão participativa e transparente, que desempenha um trabalho em que todos têm direitos e deveres, objetivando refletir, questionar, buscar e transformar ações em realidades.

3.2 OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA

Durante a fase inicial da pesquisa de campo foram realizadas observações durante as aulas de Língua Portuguesa. A turma escolhida para a pesquisa foi o 7º ano do Ensino Fundamental, no turno matutino. Vale ressaltar que o professor titular da turma é formado em Licenciatura Plena em Letras/Português pela Universidade Federal do Piauí. O professor da disciplina é concursado.

O total dos alunos do Ensino Fundamental é de 85 alunos, mas a turma em observação possui 26 alunos matriculados, dos quais são 12 do sexo feminino e 14 alunos do sexo masculino, oriundos de famílias com renda de um a dois salários mínimos. Alguns vivem com os pais (separados em alguns casos) ou com os avós, gostam de se divertirem na praça e festas no bairro.

Observei que são alunos em fase de desenvolvimento pessoal, intelectual, físico e necessitam de apoio familiar e escolar para que se criem bons modos de acompanhamento na aprendizagem. São eufóricos, pouco comprometidos com o saber, concentram-se em conversas paralelas, uso de celulares nas aulas e discussões desnecessárias.

Procurei estar presente durante as aulas, no sentido de observar e coletar dados importantes para a realização deste trabalho. Agi de forma pontual, visualizando a dinâmica das aulas, sobretudo o modo como os alunos interagem em sala de aula, deixar os alunos à vontade.

A chamada nominal para registro da frequência dos discentes sempre era feita pelo professor no início das aulas. O docente utiliza o livro didático Jornadas. Port – Língua Portuguesa, escolhido no Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2013 para ser usado até 2016, Considerando que todos os alunos o possuem, o professor pedia-lhes para que lessem em sala de aula, induzindo-os a breves discussões, às vezes com o uso de livros paradidáticos.

Durante a estada na sala de aula, foi possível perceber que o professor atuava de forma otimista. No que se refere ao aprendizado do aluno, percebe-se uma metodologia usada de modo a transmitir segurança ao alunado, promovendo um intercâmbio entre a realidade dos alunos com outras realidades diferentes, por meio de uma linguagem compreensiva e com compromisso com a disciplina, mantendo boas relações com os alunos e apresentando aulas expositivas, explicativas, vídeos, aplicação e correção de exercícios.

A forma de avaliação das séries finais do ensino fundamental é realizada de forma contínua e cumulativa na escola, com o objetivo de diagnosticar a situação de aprendizagem de cada aluno, priorizando não apenas o resultado, mas todo o processo de ensino-aprendizagem, observando, principalmente, os aspectos qualitativos sobre os quantitativos e os resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.

3.3 TIPO DE PESQUISA E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Em primeiro lugar, antes de falar dos tipos de pesquisa que foi ou foram usadas para a efetivação deste trabalho, convém fazer o seguinte questionamento: o que seria ciência? Pois bem, segundo Gil (2011, p. 26),

Pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental de pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.

A pesquisa que foi utilizada para a execução desse trabalho monográfico é constituída por pesquisa de campo, na qual foram feitas entrevistas, conversas informais e observações durante as aulas para a obtenção dos dados que compõem o *corpus* a ser analisado. A pesquisa de campo ajudou no levantamento de dados. Estas informações foram importantes para as análises do capítulo seguinte. O material pesquisado serve de sustentação na constituição deste trabalho monográfico. De acordo com Gil (2011, p. 55),

As pesquisas deste tipo se caracterizam pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para em seguida, mediante análise quantitativa, obter as conclusões correspondentes dos dados coletados.

A pesquisa é fundamental para o engrandecimento da ciência. O desejo pelo conhecimento impulsiona o pesquisador a estudar e encontrar as possíveis respostas para suas indagações. De acordo com Gil (2011, p.26),

A pesquisa social pode decorrer de razões de ordem intelectual, quando baseadas no desejo de conhecer pela simples satisfação para agir. Daí porque se pode falar em pesquisa pura e em pesquisa aplicada.

O autor ao tratar da finalidade da ciência no campo social, diz que há pesquisa pura que busca o desenvolvimento científico e a pesquisa aplicada que se preocupa com a aplicabilidade dos conhecimentos. Para Gil (2011, p.26),

A pesquisa pura busca o progresso da ciência, procura desenvolver os conhecimentos científicos sem a preocupação direta com suas aplicações e consequências práticas. Seu desenvolvimento tende a ser bastante formalizado e objetiva a generalização, vistas na construção de teorias e leis.

Foi com este pensamento que se balizou a pesquisa, isto é, com o objetivo de pesquisar sobre a Variação Linguística e o Ensino de Língua Materna. Objetivando construir teorias a cerca da temática escolhida. No tocante a pesquisa, Gil (2011, p. 27) advoga que

A pesquisa aplicada, por sua vez, apresenta muitos pontos de contato com a pesquisa pura, pois depende de suas descobertas e se enriquece com o seu desenvolvimento; todavia, tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos.

É de fundamental importância destacar a pesquisa social para o engrandecimento intelectual do ser humano. A vontade de saber e conhecer são forças que motivam e despertam o pesquisador em sua busca incessante pelo conhecimento.

No tocante à abordagem acerca do tipo de pesquisa utilizada na constituição deste trabalho, destaca-se a pesquisa qualitativa. Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 31, grifos no original), “a **pesquisa qualitativa** não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, organização, etc.”.

A pesquisa qualitativa norteou o trabalho que hora se apresenta. Por este meio desta pesquisa, procura-se responder os porquês das variações linguísticas e o ensino de língua materna. De acordo com Gerhardt e Silveira, “na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo, o sujeito e ao mesmo tempo e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprescindível. O conhecimento é parcial e limitado.” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32). Diante da afirmação da autora, é que se procurou investigar acerca do tema escolhido para esta monografia. Ainda de acordo com o pensa autora, para o pesquisador que se dispõe a dar seus primeiros passos no mundo da pesquisa, é sempre oportuno reconhecer a parcialidade, bem como a limitação do nosso conhecimento.

Para toda e qualquer pesquisa, é fundamental a utilização de uma metodologia que se adeque ao tipo de problema que se almeja estudar. Convém que o pesquisador, mesmo que iniciante, busque um norte por meio da metodologia.

Para a coleta de dados, durante o trabalho investigativo, utilizamos também o questionário, que, em conformidade com Gil (2011, p. 124),

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a

peças com o propósito de obter de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

No questionário aplicado, o professor respondeu, de forma espontânea, a algumas perguntas em torno da temática deste estudo. Este instrumento de coleta de dados é importante por ter um alcance maior de pesquisados e, também, por questões de ética, assegurar o sigilo dos entrevistados. Além do mais, impede que opiniões externas influenciem os participantes da pesquisa.

Fizemos uso, ainda, de anotações de tudo aquilo que foi vivenciado em sala de aula ou mesmo nos corredores da escola escolhida para a realização do estudo; bem como usamos um gravador de voz, importante para a coleta das falas dos participantes da pesquisa.

Um aspecto importante no tocante à metodologia e sua importância científica na concretização de um trabalho acadêmico é a pesquisa de campo, pois, coloca o pesquisador dentro do espaço almejado, oportunizando a interação entre o sujeito pesquisador e o sujeito pesquisado. O *corpus* coletado durante o trabalho de pesquisa procura responder satisfatoriamente os objetivos almejados.

Com o intuito de se obter um conhecimento mais aprofundado acerca do tema desta pesquisa, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre a variação linguística, dentro do campo da sociolinguística, observando publicações em revistas, jornais, sites da internet; assim como pesquisas em obras, artigos, revistas, sites da internet e leituras atuais, objetivando coletar dados para a fundamentação e concretização do objeto e estudo.

As análises, apresentadas no próximo capítulo, foram coletadas junto aos alunos e o referido professor da disciplina de Língua Portuguesa. Com o objetivo de possibilitar mensurações e interpretações por meio delas. Os resultados do levantamento serão expostos de forma compreensível e de fácil interpretação.

Desta forma, foi possível coletar muitos dados importantes, imprescindíveis para a análise, graças à paciência e o cuidado na observação a tudo que dizia respeito ao tema de estudo. O *corpus* coletado ao longo da pesquisa de campo responde perfeitamente aos fins a que se pretendia chegar,

isto é, a proposta da temática, variação linguística e o ensino de língua materna.

Em conformidade com o que pensa Gil (2011, p.100),

A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipótese, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa. É, todavia, na fase de coleta de dados que o seu papel se torna mais evidente. A observação é sempre utilizada nessa etapa, conjugada a outras técnicas ou utilizada de forma, exclusivamente, para a obtenção de dados em muitas pesquisas, e por estar presente também em outros momentos da pesquisa, a observação chega mesmo a ser considerada como método de investigação.

Para o autor a observação durante todo o processo da pesquisa é primordial para que se atinjam os resultados esperados. Principalmente no decorrer da coleta de dados interligada com outros meios de busca. Ao longo deste trabalho procurou-se observar tudo, ou seja, aquilo que fosse relevante para o enriquecimento da pesquisa. Foi sem dúvida um dos métodos primordiais para a obtenção das informações que se desejava para a execução das análises. Pois, entende-se que não é possível executar qualquer pesquisa sem a observação aos fenômenos que nos rodeiam e nos inquietam constantemente.

Certamente, com o auxílio de uma boa metodologia adquirida através dos livros, professor orientador é possível garimpar aquilo que é de mais precioso aos olhos de um pesquisador neófito, as informações. E, de posse desses dados coletados, cumprimos um passo importante rumo ao almejado, assim como obtivemos um grande aprendizado no que se refere à pesquisa científica.

Outro aspecto importância que foi bastante explorado foi a pesquisa bibliográfica, na qual se leu e foram retirados de lá os conhecimentos dos autores que já haviam estudado e, portanto, tinha mais propriedade sobre o tema. A consulta aos livros é necessária, tendo em vista seu grande apoio na área escolhida para este trabalho.

Dessa forma, buscamos fazer um levantamento dos autores importantes que já haviam pesquisado sobre o tema com a finalidade de nos embasarmos

teoricamente. É, pois, a pesquisa bibliográfica norteadora do conhecer, aliás, do querer conhecer. É importante, na fase de pesquisa, reconhecer a necessidade de se buscar informações em outros autores, com base em pesquisas já realizadas, atentando para aqueles mais experimentados. Por essa razão, a pesquisa nos livros é, antes de tudo, o início de qualquer jornada científica.

Segundo Gil (2011, p. 50),

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase toda em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análises de conteúdo.

Ao longo do percurso investigativo, isto é, da pesquisa de campo em torno da temática: variação linguística e o ensino de língua materna, os livros são indispensáveis. A pesquisa aos livros serviu para aprofundar melhor sobre a variação linguística e o ensino de língua materna. A consulta bibliográfica permite a qualquer pesquisador caminhar com maior segurança rumo aos objetivos almejados.

De acordo com Fonseca (2002, p. 32),

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Em consonância com o que afirma o autor acima, todo e qualquer trabalho deve ser pautado primeiro no livro. A pesquisa realizada nos livros conduz o pesquisador por um terreno menos movediço. O motivo pelo qual se

fez uso desta modalidade de metodologia foi exatamente a busca pela concretude e solidez, ingredientes primorosos no elaborar deste estudo.

A metodologia adotada para a elaboração deste trabalho proporcionou mais segurança, haja vista que ela permitiu que se vislumbrasse um horizonte para enfim se atingir o objeto preterido. É necessário ser guiado por um processo metodológico que estabeleça prioridades e meios para se chegar ao final do percurso de forma tranquila e repleto de conhecimento.

Portanto, entende-se que a caminhada na pesquisa científica é por demais árdua. São muitos espinhos e pedras a serem transpostas. No entanto, os livros nos direcionam certeira rumo à fonte preciosa do conhecimento. Aliás, não somente os livros, mas também quem nos orienta. Este, creio que seja a peça chave nesta empreitada que é a pesquisa científica. O professor orientador. É ele que está a frente e nos guia por entre os mais diversos bosques da leitura em busca da pedra preciosa, o saber.

Em meio a tudo isso, ou seja, a pesquisa científica, ficaríamos andando em volta se não dispuséssemos de um determinado meio. Ficaríamos perdidos se houvesse um norte. Um caminho. Ficaríamos ilhados na imensidão do oceano do conhecimento e nos acabássemos afogados se não disponibilizássemos da bússola norteadora. A metodologia. Sem ela nós estudantes e iniciantes na seara da pesquisa não iríamos a lugar nenhum.

Como bem advoga Gil (2011, p.15), a favor da utilização dos métodos na constituição de qualquer trabalho científico,

Estes métodos têm por objetivo proporcionar ao investigador os meios técnicos para garantir a objetividade e a precisão no estudo dos fatos sociais. Mais especificamente, visam fornecer a orientação necessária à realização da pesquisa social, sobretudo no referente à obtenção, processamento e validação dos dados pertinentes à problemática que está sendo investigada.

É por meio do método que conseguimos vislumbrar os horizontes que antes estavam tão distantes aos nossos olhos embasados pela névoa da ignorância. Graças aos teóricos que estudaram e puseram no papel a essência da metodologia para a efetivação de qualquer pesquisa. A figura do orientador como sujeito balizado e experimentado no tema auxiliou metodicamente na

elaboração deste capítulo que relata o tipo de metodologia que fora utilizado para juntar, isto é, coletar dados. Assim, mune-se do cabedal informacional que será dissecado minuciosamente, ou seja, será analisado cuidadosamente. Atendendo, portanto, o crivo da ciência e, conseqüentemente, encontrando prováveis soluções para a problemática investigada.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Este capítulo é direcionado para a análise dos dados que foram coletados durante a pesquisa de campo. O local escolhido para a realização da pesquisa foi a Unidade Escolar Jorge Leopoldo, escola estadual situada no bairro Catavento, na cidade de Picos – PI.

É importante mostrar, por meio de fotografias, a escola que serviu de base para a pesquisa. Entende-se que este registro serve para destacar sua estrutura física que dá a seus alunos, servidores e pais de alunos um conforto melhor. A escola, por sua vez, disponibiliza de um espaço físico razoável para as realizações de atividades com seus alunos.

No sentido de execução de qualquer pesquisa, é fundamental a escolha de um local que lhe permita uma boa comodidade. A Escola Estadual Jorge Leopoldo foi muito importante durante a pesquisa de campo e os dados ali coletados supriram as expectativas acerca da problemática aqui proposta.

Além do ambiente acolhedor, é importante ressaltar a disponibilidade com que se colocaram todos os informantes. Assim, é fundamental destacar e mostrar a estrutura da escola. A final, esta instituição foi determinante em todos os aspectos para a execução desta pesquisa.

No sentido de obter dados que satisfizessem à temática e também respondessem de forma satisfatória a problemática desta pesquisa, pesquisou-se no do 7º ano da referida escola, pois se entendeu que as informações ali coletadas seriam suficientes para a constituição deste trabalho monográfico.

Os informantes escolhidos para esta a execução desta pesquisa foram os alunos do 7º ano, como já foi frisado no capítulo anterior, todos provenientes da periferia da cidade. Vale destacar que se originam, em sua maioria, de famílias carentes. Seus pais, geralmente, não concluíram o Ensino Fundamental, enquanto outros nem sabem ler direito ou nem mesmo sabem decifrar qualquer signo.

A análise e interpretação das falas destes informantes serão de grande utilidade para o desenvolvimento da monografia. Os dados coletados e agora analisados contribuirão para responder à problemática deste trabalho, assim como para dirimir dúvidas no que se refere à variação linguística e ao ensino

de língua materna e como é trabalhada esta questão, sobretudo nas séries do Ensino Fundamental propriamente dito.

A análise e a interpretação das informações colhidas ao longo da pesquisa de campo são importantes para na formulação de possíveis respostas para a problemática da pesquisa e conjecturar hipóteses. Além do mais, dar solidez para a construção deste trabalho enriquecimento intelectual.

De acordo com Gil (2011, p. 156),

Após a coleta de dados, a fase seguinte é a de análise e interpretação. Estes dois processos, apesar de conceitualmente distintos, aparecem sempre estreitamente relacionados. A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.

Em conformidade com o excerto acima, todo o processo de análise e interpretação para elaboração deste trabalho monográfico seguirá todos os passos para a obtenção de bons resultados. Convém ressaltar que todo o trabalho de decomposição dos dados foi realizado sob a luz da Sociolinguística.

A esse respeito, segundo Tarallo (2003, p. 18),

O fato sociolinguístico, o dado de análise, é ao mesmo tempo a base o estudo linguístico: o acervo de informações para fins de confirmação ou rejeição de hipóteses antigas sobre a língua e também para o levantamento e o lançamento de novas hipóteses.

O fato sociolinguístico, dado de análise, como afirma o autor é o ponto inicial para a largada para análise e interpretação e, conseqüentemente, sucesso para a pesquisa que se desenvolve.

4.1 ANALISANDO E INTERPRETANDO OS DADOS DA ENTREVISTA

De posse dos módulos apresentados por Tarallo (2003), usou-se, para entrevista, uma câmera digital, com a qual se gravou as falas de alguns informantes, seguindo a proposta de Bortoni-Ricardo (2005), como segue:

Fala do 1º informante:

Episódio nº1

Evento: Entrevista sociolinguística com uma aluna do 7ª ano residente em um bairro da periferia de Picos – PI.

Estilo: Semimonitorado

Evento de oralidade

1. Onde você reside?

Informante 1: “-Eu moro no bairro DNER, mais conhecido como Baú, só”

2. Quais são seus jogos e brincadeiras prediletas?

Informante 1: -“Queimadu. Só. Aprendi só isso. ” (risos)

3. Você já brigou alguma vez com seus irmãos ou com seus colegas de turma?

Informante 1: Não.

4. Você já esteve alguma vez em uma situação em que estivesse correndo sério risco de vida (uma situação em que tenha dito a você mesmo: “chegou a minha hora!”)?

Informante 1: -Não.

5. O que aconteceu?

Informante 1: -Nada

6. Numa situação dessas, algumas pessoas dizem: “bom, seja o que Deus quiser!”. O que você acha?

Informante 1: “É, isso é verdade, né? Seja o que Deus quisé. Porque você não sabe o que vai acontecê.”

7. De que é que você tem mais medo?

Informante 1: - “Da morti.”

8. Você gosta da sua escola?

Informante 1: “Gostu.”

Episódio nº2

Evento: Entrevista sociolinguística com uma aluna do 7^a ano residente em um bairro da periferia de Picos-PI.

Estilo: Semimonitorado

Evento de oralidade

1. Onde você reside?

Informante 2: “Em minha casa. O que qui eu faço? Eu estudo.”

2. Quais são seus jogos e brincadeiras prediletas?

Informante 2: “Jogos preferidos? Eu gostu de brinca e gogá o mata ou quima.”

3. Você já brigou alguma vez com seus irmãos ou com seus colegas de turma?

Informante 2: “-Já”.

4. Você já esteve alguma vez em uma situação em que estivesse correndo sério risco de vida (uma situação em que tenha dito a você mesmo: “chegou a minha hora!”)?

Informante 2: Não.

5. O que aconteceu?

Informante 2: “-Nada. Num aconteceu nada.”

6. Numa situação dessas algumas pessoas dizem: “bom, seja o que Deus quiser!”. O que você acha?

Informante 2: “-Que tem que sê o que eli quisé tamem.”

7. DE QUE É QUE VOCÊ TEM MAIS MEDO?

Informante 2: “ -Dá mosti”.

8. Você gosta da sua escola?

Informante 2: “-Gostu, não muito”.

Com base nas respostas obtidas nas oito perguntas feitas aos dois informantes da pesquisa, não se percebeu nenhum tipo de variação citado no referencial teórico deste estudo. As respostas dos dois informantes são bem parecidas e não divergem no sentido da questão.

Apesar de a língua ser suscetível de uma grande variabilidade, não presenciamos, durante a pesquisa, por meio das observações, questionários, gravações, nenhuma variação que fosse recorrente entre os alunos. Entretanto, acredita-se que, por conta de problemas alheios à vontade do pesquisador, não foi possível captar mais dados para analisar e, conseqüentemente, perceber alguma variação mais representativa dos alunos da turma na qual se fez a pesquisa. A antecipação das férias escolares, a semana de provas, feriados e, principalmente, a realização da Copa do Mundo, inviabilizaram a coleta de mais dados.

Por essa razão e por consideramos importante a visão do professor no processo de ensino da língua levando em conta a variação linguística, buscou-se informações com ele, como apresenta-se na seção a seguir.

4.2 ANALISANDO E INTERPRETANDO OS DADOS DO QUESTIONÁRIO APLICADO AO PROFESSOR

Com o objetivo de obter dados acerca da forma como o professor trabalha a variação linguística em sala de aula com os seus alunos, aplicamos, com o docente da turma pesquisada, um questionário composto por sete perguntas. O questionário foi enviado ao e-mail do professor, que, em seguida,

respondeu e encaminhou ao pesquisador deste estudo. Seguem, abaixo, as respostas obtidas:

1. Como é trabalhada a variação linguística durante as aulas de português?

A minha prática docente busca ser o mais diversificada possível ao trabalhar a variação linguística. Busco trabalhar textos que contemplem o tema, dentre eles, letras de música, poemas populares e clássicos, ditos populares, *posts* da internet e outros que auxiliem na compreensão do tema pelos alunos.

02. A gramática portuguesa é considerada um manual no qual contém as normas da variante do português padrão. Diante disso, a gramática deve ser ensinada como a única variante existente da língua portuguesa?

Não. A gramática normativa deve, sim, ser ensinada. No entanto, não pode ser a variante exclusiva a circular na sala de aula. As demais variantes precisam ser apresentadas, debatidas e também validadas para que o aluno perceba que há dinâmica na língua.

03. O ensino de língua materna é trabalhado de forma contextualizada?

Na minha prática docente, busco apresentar a língua portuguesa de forma dinâmica, para que o aluno a perceba não como um emaranhado de regras sem sentido, mas como um organismo vivo que pulsa e que significa. Diante disso, busco apresentar as variantes de forma contextualizada, inserida em textos diversos e em situações várias.

04. Por que ensinar português a brasileiros natos?

Agora sou eu quem pergunta: E ensinamos a língua portuguesa a brasileiros natos? Talvez esse seja um dos maiores equívocos que gravita em torno da prática docente do professor de língua portuguesa. Aprendemos a língua portuguesa desde pequenos, com todas as suas peculiaridades. Comunicamo-

nos, entendemo-nos e isso só prova que na escola não ensinamos a língua portuguesa; na escola estudamos a sua constituição, suas particularidades, percebemo-na como organismo, debatemos as suas regras e como elas dão vida aos textos. Na escola, a língua se torna objeto de estudo, de questionamento, de conhecimento de sua matriz conceitual, não objeto de ensino aos falantes.

05. Quais os maiores desafios no ensino de língua materna para alunos do ensino fundamental?

A pergunta colide com a anterior, pois você questiona sobre desafios no ensino da língua. Prefiro falar dos desafios da sedução de usuários ativos de uma língua que é multifacetada e própria deles, e são muitos, mas vou resumí-los a alguns:

- a) desenvolver as múltiplas competências comunicativas;
- b) canalizar os conhecimentos que o aluno possui com a linguagem da web para o cotidiano de sala de aula e transformar isso em algo positivo no estudo do objeto que lhe é mais comum: a língua portuguesa;
- c) a heterogeneidade social e cultural dos alunos

06. No seu modo de pensar o que significa saber português?

É saber se comunicar usando a língua portuguesa, dominando a estrutura que a internalizamos desde cedo, na infância, ao entrarmos em contato, pela oralidade, com ela, e isso até mesmo os analfabetos sabem fazer. Não se pode, no entanto, confundir a prática da língua com o estudo metalinguístico que se faz dela, em sala de aula. E é esse estudo metalinguístico da língua ao que vulgarmente chamamos de ensino da língua – no ambiente escolar.

07. O ensino de gramática leva em consideração outras variantes da língua existente em nosso meio?

Na escola, estudamos as variantes linguísticas e isso implica em nos debruçarmos sobre a língua em sua totalidade, não apenas na modalidade culta.

O questionário é a última parte da metodologia utilizada com a finalidade de se coletar dados, isto é, que servissem de matéria-prima para a construção deste trabalho. O conjunto de informações aqui obtidas serve para substanciar o que se objetiva alcançar, resolver a problemática da pesquisa que ora se constrói. O professor respondeu de forma espontânea o conjunto de perguntas que gravitaram em torno do tema da pesquisa, ou seja, a variação linguística e o ensino de língua portuguesa no ensino fundamental.

Diante do questionário respondido pelo professor, analisa-se e interpreta-se de um modo em geral mediante as respostas concedidas, o seguinte: o professor realiza em sala de aula todos os aspectos referentes à variação linguística e ensino de Língua Materna. Segundo o professor, ele procura trabalhar com seus alunos, além da variação linguística da norma padrão, as outras variações que qualquer língua sofre, sobretudo a língua portuguesa.

Segundo a resposta do professor dada à questão 1, ele, no exercício descente, procura diversificar o máximo no que refere à variação linguística. Ele cita alguns meios que podem demonstrar para seus alunos o processo de variação que sofre qualquer língua. Então, enumera como sendo vias alternativas de levar o aluno a perceber a heterogeneidade da língua materna por meio das músicas, dos poemas populares e clássicos, ditos populares, *posts* da internet e outros.

Ora, diante do ocorrido, ou seja, da resposta concedida, é possível inferir que o professor age de acordo com o que afirmam os teóricos que dão embasamento a este trabalho.

Logo, conjetura-se, a partir da resposta dada, que o professor, agindo desta forma, estaria contribuindo para que o aluno obtivesse um conhecimento cristalizado no que se refere à variação linguística. Afinal de contas, percebe-se, ao longo do referencial teórico apresentado, que a variação linguística e o ensino de língua materna devem andar juntos.

Dando sequência às análises e interpretações, infere-se, com base na resposta dada à segunda questão, que o professor concorda com aquilo que prenunciam os teóricos do assunto. Observa-se que, no seu entendimento, a norma culta pregada pela gramática deve ser ensinada, porém, admitindo outras variantes da língua.

Mediante a resposta, percebe-se, também, que ele age corretamente no sentido de integração do ensino da língua com outras variantes contidas na língua materna. No entanto, isso deve ser feito no cotidiano da sala de aula, principalmente respeitando a variedade de cada aluno, explicando para este que, além da variante por ele falada, existem outras e que a norma culta seria uma delas (BORTONI-RICARDO, 2005).

Se o professor estiver de fato trabalhando nesta perspectiva, como ele responde de forma incisiva, certamente, estará dando um passo importante para um melhor entendimento sobre a variação da nossa língua.

A terceira pergunta contida no questionário fazia alusão ao ensino contextualizado da língua materna, ou seja, obedecendo à variação linguística existente no meio dos falantes. Pelo que o professor afirmou, ele apresenta aos seus alunos não somente as regras gramaticais, mas a língua portuguesa como um organismo vivo. Portanto, infere-se que ele, de acordo com suas declarações, age de forma consciente da importância da contextualização do ensino de língua materna.

A quarta questão por sua vez, fazia referência ao porquê de se ensinar português para brasileiros natos. Pela resposta obtida, é possível vislumbrar que o professor encontra dificuldade ao ensinar a língua para um falante nato. Segundo ele, “aprendemos a língua portuguesa desde pequenos, com todas as suas peculiaridades. Comunicamo-nos, entendemo-nos e isso só prova que na escola não ensinamos a língua portuguesa; na escola estudamos a sua constituição, suas particularidades, percebemo-na como organismo, debatemos as suas regras e como elas dão vida aos textos”. De posse desta afirmação, infere-se o seguinte: a variação linguística e o ensino de língua materna ainda apresentam dificuldades no tocante à forma de se ensinar; durante as aulas de língua portuguesa, deveria estudar suas variações; deveria, ainda, refletir a língua como um organismo vivo e mutável; mostrar

para os falantes a existência de outras variáveis, bem como da sua importância na interação social.

A resposta proferida pelo professor à quinta questão demonstra que há inúmeros desafios no ministrar a disciplina de língua portuguesa sem levar em conta a variação linguística presente no cotidiano de seus alunos. Deduz-se, também, que a ineficácia do aprendizado do aluno no tocante a sua própria língua no ensino Fundamental é gritante, tendo em vista a visão de ensinar apenas a variante padrão, não levando em conta o cabedal linguístico do aluno, ou seja, como o professor bem frisa, a “heterogeneidade social e cultural dos alunos”.

Seguindo os passos inquisitivos do questionário e analisando a resposta apresentada à sexta questão, percebe-se que, para dominar de fato a língua, convém que seus falantes dominem sua estrutura por ele internalizada desde a tenra idade. Até mesmo aquele falante sem nenhuma instrução acadêmica expressa-se de forma a se fazer entender, isto é, ele possui sua própria gramática.

Para concluir o questionário, pelo que se obteve com a sétima questão, observa-se que o professor afirma que, na escola, se estuda apenas uma única variante, ou seja, a norma culta; mas que ele se debruça sobre a linguagem como um todo, sobretudo estudando as variantes linguísticas.

Apesar de o professor apresentar respostas favoráveis a um ensino de língua materna que privilegie a língua em sua totalidade, contemplando as variações a que ela é sujeita, não se constatou, na pesquisa de campo, por meio das observações realizadas em sala de aula, que ele, de fato, faz tudo aquilo que respondeu no questionário.

As aulas observadas não condizem com o que ele afirma, mas se baseiam, principalmente, no livro didático, o qual traz a língua na sua variedade padrão e que, desse modo, desprestigia a realidade linguística de cada aluno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi proposto neste trabalho, fica evidente que alguns professores de Língua Portuguesa ainda têm receio de discutir, na sala de aula, a variação linguística, às vezes por não saber como lidar com a capacidade linguística do aluno. Por isso, fica preso aos conceitos estabelecidos pela gramática normativa, que prescreve regras que devem ser seguidas à risca pelos discentes.

Assim, percebeu-se que a variação linguística e o ensino de língua materna ainda é um tema pouco refletido em sala de aula, pelo menos na escola em que fizemos este estudo. Na verdade, há uma discrepância enorme entre a teoria e a prática, pois, mesmo o professor sendo categórico em suas afirmações acerca do tema, percebe-se que a realidade vivenciada na prática está um pouco distante daquilo que é proposto por ele na teoria.

Evidenciou-se que as aulas de língua materna ainda são presas aos manuais repletos de regras que prendem o aluno, levando-o, muitas vezes, à rejeição da própria língua. Se durante as aulas de português houvesse uma maior contextualização por parte do professor, adequando à realidade dos alunos, os resultados seriam bem mais positivos.

O jeito peculiar de falar de cada aluno deve ser levado em conta e a questão da variação linguística deve ser mediada sempre pelo professor de língua materna, já que este deve colocar em prática tudo aquilo que aprendeu na academia no que se refere à variação linguística, coadunando-a ao ensino de língua materna, o que oportunizaria uma prática mais prazerosa e que rediria bons frutos.

Foi possível perceber que a variação linguística e o ensino de língua materna devem andar irmanados, ou seja, um complementa o outro. A língua não é um sistema estático e, por conseguinte, invariável, mas é um sistema mutável, capaz de adequar as mais diversas realidades culturais. Assim, ensinar tão-somente as regras sem levar em consideração a sua variedade é trilhar rumo à beira do precipício do preconceito e da não-identidade consigo mesmo.

Desse modo, para que o ensino de língua materna não se concentre apenas nas regras rígidas da gramática normativa é preciso que o professor

compreenda que o ensino de Língua Portuguesa só será efetuado com sucesso quando a escola estimular a capacidade cognitiva e linguística do aluno por meio da sua competência oral e escrita e quando entender e transmitir para os discentes que a língua é viva e sua dinamicidade é consequência das sucessivas transformações ocorridas ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Loiola, 2009.
- BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J.L. (org). **Introdução à linguística.** 5ª Ed., São Paulo: Contexto, 2008.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?: Sociolinguística e Educação.** 2ª ed., São Paulo: Parábola, 2005.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística.** 10 ed. São Paulo: Scipione, 2003.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia.** 11. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** 2ª ed. São Paulo, 2002.
- CARDOSO, C. R. et al. **Varição Linguística: contato de línguas e educação.** V. 5., Campinas, SP: Pontes, 2013.
- CASTILHO, A. T. de. **A Língua Falada no Ensino de Português.** 7ª Ed., São Paulo: Contexto, 2011.
- CRISTÓFARO-SILVA, T. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** 8ª ed., São Paulo: Contexto, 2005.
- DU BOIS, J. W. **Discourse and the ecology of grammar: strategy, grammaticization, and the locus.** Rice: Symposium, MS, University of California: Santa Bárbara, 1993.
- FAVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna.** São Paulo: Cortez, 2012.
- GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6ª ed., São Paulo: Atlas, 2011.
- MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental/Parte I – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.** Brasília: Ministério da Educação, 1997.
- MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, L. A. **Coisas que todo professor de português deve saber: a teoria na prática**. 1ª ed., São Paulo: Parábola, 2010.

PAIVA, Maria da Conceição. **Sexo**. In: MOLLICA, 2004.

PERINI, M. A. **Para uma nova gramática do português**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

PRETI, D. **Sociolinguística: os níveis de fala**. São Paulo: Edusp, 2004.

MARCUSCHI, L. A. Nove Teses para uma reflexão sobre a valorização da fala no ensino de língua a propósito dos “Parâmetros Curriculares no Ensino de Língua Portuguesa de 1ª a 4ª série do 1º grau menor”. **Revista da ANPOLL**, nº 4, p. 137-156, jan./jun. 1998.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução de CHELINI, A. et all. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, V. L. P. Relevância das variáveis lingüísticas. In: MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L (orgs). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.

TARALLO, F. **A pesquisa Sociolingüística**. São Paulo: Ática, 2003.

TRAVAGLIA, C. T. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14 ed., São Paulo: Cortez, 2009.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Isaquiel Josias Monteiro,

autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação

Variação Linguística e Essência de Língua Materna: um estudo na Língua Inglesa

de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 18 de junho de 20 15.

Isaquiel Josias Monteiro
Assinatura

Isaquiel Josias Monteiro
Assinatura